

CIENCIAS SOCIALES

DE ECONOMIA EN PAIS

CIENCIAS SOCIALES

LA TEORÍA DE LA GESTIÓN Y LA EMANCIPACIÓN PSICOPOLITICA DEL SUJETO DEL AUTOCONTROL CONTINUO Y DE LOS BALANCES ANUALES

Evandro Vieira Ouriques¹

Recibido: 18 de Junio de 2015
Evaluado: 27 de Julio de 2015
Aceptado: 10 de Agosto de 2015

Resumen

El centro de las teorías de la gestión hegemónica es exactamente entrenar a cada individuo como sujeto del auto-control continuo y de los balances anuales; un sujeto que, de esta manera, crea para sí mismo una trayectoria intra-mundana, como bien nos recuerda Harald Welzer, citando a Joseph Vogl: no se puede perder ningún momento ni ningún acto puede ser improductivo. Como el éxito comercial es, así, idéntico al biográfico, los mismos parámetros serían válidos tanto para los negocios cuanto para la vida. Por lo tanto, la superación de los índices de concentración de la riqueza y el poder, y de la devastación de la Naturaleza, con el fin de una mayor solidaridad y sostenibilidad, sólo depende que el juicio que determina la acción, tenga otra fuente de referencia epistemológica, teórica, metodológica y vivencial en la Teoría de la Gestión. La separación dualista entre el psiquismo y las instituciones ya no es sostenible porque no es emancipadora. Por esto el autor aplica a la Teoría de la Gestión su Perspectiva Psicopolítica de la Teoría Social.

¹Brasileiro, Coordenador do NETCCON-Núcleo de Estudos Transdisciplinares de Psicopolítica e Consciência, é Pós-Doutor em Comunicação, Estados Mentais e Ação no Mundo-Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ; Doutor e Mestre em Comunicação e Cultura-ECO-UFRJ, Cientista Político-UFRJ; Supervisor de Pós-Doutorados em Estudos Culturais, do Programa Avançado de Cultura Contemporânea-PACC, Policy and Research Network on Territories of Social Responsibility, da Universidade Federal Fluminense-Brasil e da Leicester Business School, University of Monfort, United Kingdom; Membro de la Red Académica Internacional Estudios Organizacionales en América Latina y el Caribe e Iberoamérica-REOALCeI. Correo electrónico: evandro.vieira.ouriques@gmail.com

MANAGEMENT THEORY AND THE PSYCHO-POLITICAL EMANCIPATION OF THE SUBJECT OF CONTINUOUS SELF-CONTROL AND ANNUAL BALANCES

Evandro Vieira Ouriques¹

Abstract

The center of the hegemonic management theories is, exactly, to train each individual as a subject of continuous self-control and annual balances, a subject that, in this way, creates for himself an intra-worldly experience, as Harald Welzer says, quoting Joseph Vogl: you cannot neither lose any time nor any act may be unproductive. Since the commercial success is identical to the biographical, the same parameters would be valid for both business and life. Therefore, the overcoming of the concentration of wealth and power rates, and the devastation of nature, with the purpose of a greater solidarity and sustainability, depends only if the judgment that determines the action have another source of epistemological, theoretical, methodological and experiential reference, given by Management Theory. The dualistic separation between psychism and institutions is not sustainable anymore because it is not emancipatory. Thus the author applied to the Management Theory its Psychopolitical Perspective of Social Theory.

A TEORIA DA GESTÃO E A EMANCIPAÇÃO PSICOPOLÍTICA DO SUJEITO DO AUTOCONTROLE CONTÍNUO E DOS BALANÇOS ANUAIS

Evandro Vieira Ouriques¹

Resumo

O cerne das teorias da gestão hegemônica é exatamente treinar cada indivíduo como sujeito do autocontrole contínuo e dos balanços anuais, um sujeito que, assim, cria para si uma trajetória intramundana, como lembrado por Harald Welzer, citando Joseph Vogl: nenhum tempo pode ser desperdiçado e nenhum ato pode ser improdutivo. Como o sucesso comercial é assim idêntico ao biográfico, os mesmos parâmetros seriam válidos tanto para o negócio quanto para a vida. Desta forma, a superação dos índices de concentração de riqueza e poder, e de devastação da Natureza, com o objetivo de mais solidariedade e sustentabilidade, depende apenas de que o julgamento, que determina a ação, tenha uma outra fonte de referência epistemológica, teórica, metodológica e vivencial da Teoria da Gestão. A separação dualista entre psiquismo e instituições não é mais sustentável, pois não é emancipadora. Por isso o autor aplica à Teoria da Gestão sua Perspectiva Psicopolítica da Teoria Social.

Apresentação

“None of this is to suggest, however, that the situation is hopeless. Quite the contrary. The times in which we live do offer a tremendous opportunity to expose the flaws of the theory and even to displace it. My point is simply that if this is going to happen, it will not happen on its own. It will take some time and a great deal of effort. All the more reason to begin now”.

Chibber, Vivek (2013:296)

Quando trato da responsabilidade social e ambiental da Teoria da Gestão no quadro da Teoria Social (neste incluída, claro, a Teoria da Comunicação e da Cultura), e de suas metodologias, bem como, claro, a dos acadêmicos que as criam e/ou as propagam através de suas atividades de pesquisa, ensino e extensão (inclusive nas posições hierárquicas que eventualmente ocupam em suas universidades e nas agências reguladoras dos programas de graduação e pós-graduação), e também a daqueles que as aplicam na forma de políticas públicas e intervenções nos territórios, o faço (Ouriques, 2008, 2009a, 2009b, 2011, 2012a, 2012b, 2012c, 2013a, 2013b, 2014) levando em conta que

“We live in an age of monsters and of the body-panics they excite. The global economic crisis that broke over the world in 2008-9 certainly gave an exclamation-mark to this claim, with *Time* magazine declaring the zombie ‘the oficial monster of the recession’, while *Pride and Prejudice and Zombies* rocketed up bestseller-lists, and seemingly endless numbers of vampire- and zombie-films and novels flooded the market. As banks collapsed and global corporations wobbled, and millions were thrown out of work, pundits talked of ‘zombie banks’, ‘zombie economics’, ‘zombie capitalism’, even a new ‘zombie politics’ in which the rich

devoured the poor. But while zombies took centre-stage, vampires too made their mark, so to speak, particularly in one American journalist’s widely-cited declaration that Goldman Sachs, America’s most powerful investment bank, resembled ‘a great vampire squid wrapped around the face of humanity, relentlessly jamming its blood funnel into anything that smells like money’. Having colonised much of mass-culture, monsters also infiltrated the discourse of world-leaders. ‘We know very well who we are up against, real monsters’, proclaimed the president of Ecuador in late 2008 in a stinging attack on the international banks and bondholders who hold his country’s debt. Only a few days earlier, Germany’s president told interviewers that ‘global financial markets are a monster that must be tamed’. Compelling as such proclamations are they also risk trivialising what is genuinely monstrous about the existential structures of modern life. (...) in other words, the ways in which monstrosity becomes normalised and naturalised via its colonisation of the essential fabric of everyday-life, beginning with the very texture of corporeal experience in the modern world” (McNally, 2011:1-2).

Mais recentemente, esta mentalidade se desdobra, por exemplo, em Portugal, Espanha e Grécia¹ bem como nas pressões contra os avanços sociais conseguidos pelo Brasil e por outros países latinoamericanos como Bolívia, Equador, Argentina, Uruguai e Venezuela. Estes avanços de autonomia, como a energética e a financeira, através, por exemplo, do *NDB-Novo Banco*

²O “acordo” de Bruxelas foi imposto pela Alemanha, que segundo Jürgen Habermas assumiu-se como “o chefe disciplinador da Europa”, constitui segundo o filósofo alemão “um ato de punição de um governo de esquerda” através de uma “mistura tóxica de reformas” que irão “matar qualquer ímpeto de crescimento” (Infogrécia, 2015a) na Grécia. Aqui as notas pessoais de Yanis Varoufakis, ex-ministro das finanças da Grécia, sobre cada ponto do “acordo” (Varoukakis, 2015).

do *Desenvolvimento* (o *Banco do Brics*), incomodam a aspiração da *troika* global de ser ainda mais aristocrata: “A *troika* [na Grécia] criou as piores condições possíveis para haver reformas estruturais bem sucedidas” afirma o prêmio Nobel de Economia Joseph Stiglitz (Infogrécia, 2015b). No Brasil, sob a influência de tal mentalidade, parte significativa da classe média sente-se “rebaixada” com a saída da pobreza de cerca de 30 milhões de brasileiros e reage de maneira fascista, apoiando, por exemplo, com forte presença pelas redes sociais: o abandono do Estado laico e do Direito Moderno (uma simples denúncia, vinda de um delator, é tratada como sentença julgada), a redução da maioria penal, a perseguição homofóbica, o fundamentalismo evangélico, etc.; e, até mesmo, um atentado terrorista, a bomba, contra o Instituto Lula.

É assim que para a Teoria da Gestão existem apenas duas opções:

- (1) continuar a contribuir para os já “bem sucedidos”, e ainda assim crescentes, resultados de tal acumulação de renda e poder hedonistas (Melman, 2003) gerados com a devastação da Humanidade e da Natureza;
- (2) ou, então, indignados com a irracionalidade (Godbout, 1999) de tal argumento aristocrático (absorvido pela mentalidade burguesa desde o século XVIII), verificar com sinceridade (Ouriques, 2010) o que é necessário para que as teorias e metodologias de gestão sejam capazes de reverter tal tendência, cristalinamente identificável, por exemplo, quando examinamos os Relatórios de 2010 e 2014 do Crédit Suisse (Crédit Suisse, 2010; 2014)

Como mostrei em outro lugar, quando somamos o 0,5% da população adulta mundial que ganhou em 2010 mais

de \$1 milhão, e concentrou 35,6% da riqueza mundial, aos 7,5% [*upper-middle-class people*² (SLATE, 2015)} dos quais o 0,5% depende para realizar a concentração-exclusão (e que por isso ganharam entre \$100 mil e \$1 milhão e concentraram 43,7% da riqueza mundial) encontramos o total de 8% da população, que controlou 79,5% da riqueza mundial. E quando somamos os 23,6% que ao ganharem entre apenas \$10 mil anuais (cerca de 833 dólares/mês) e \$100 mil (uma vez que destes dependem pelas mesmas razões e propósitos os anteriormente citados 0,5% e 7,5%), e que concentraram 43,7% da riqueza mundial, temos o *coletivo* formado por 31,6% da população adulta mundial que controlou naquele ano 95,8% da riqueza mundial.

Tais 31,6% formaram um *coletivo* de indivíduos, portanto uma *rede social* formada por todos aqueles que ganharam mais de 833 dólares/mês -no caso “a” rede social das redes sociais, pois hegemônica (e a qual dedico-me a estudar para que redes com outros objetivos, inclusive acadêmicas, possam funcionar) em pleno exercício da “capacidade coletiva de realização” que gostaríamos que os movimentos de mudança, inclusive organizacional, tivessem.

Agora, se compararmos 2010 com 2014, veremos que tal *coletivo* tornou-se ainda mais eficaz, pois o topo passou de 0,5% para 0,7% da população, expandindo-se e concentrando não mais “apenas” 35,6% da riqueza, mas sim 44%, ao passo que a *upper-middle-class* -em 2010 formada como vimos por 7,5% da população- cresceu para 7,9% e concentrou não mais 43,7% da riqueza, confirmando portanto a eficácia de sua dedicação ao estamento superior (e ao qual pretendem chegar...), mas 41,3%; enquanto o terceiro segmento, que começa pelos

³ A *upper-middle-class* não usa o seu poder apenas para manter seus impostos baixos. Mas ela também o usa para fazer a vida mais cara para todas as outras pessoas.

que ganham a partir dos referidos 833 dólares/mês igualmente encolheu, apesar da dedicação, neste caso de 23,6% para 21,5% da população. Porém reduzindo drasticamente sua capacidade de concentração, que caiu praticamente pela metade: de 43,7% para 21,5% da riqueza mundial.

Dito de outra forma: se em 2010 este *coletivo* de 31,6% da população controlou 95,8% da riqueza mundial, em 2014, tal *coletivo*, reduzido de maneira gerencialmente “eficaz” a 29,4% da população, concentrou ainda mais riqueza: 97,1% da riqueza mundial, restando para 69,8% da população mundial apenas 2,9% da riqueza global.

“Nesta constelação histórica de industrialização, Iluminismo, cultura protestante de prestar contas, qualificação e competência profissional, economia baseada em crédito formaram-se as mentalidades e as identidades que marcam profundamente nossa percepção de nós mesmos e do mundo, nossos padrões de interpretação e os objetivos de vida. Ao introjetarmos aquilo que podemos e deveríamos ser, naturalmente, não apenas nos libertamos de obrigações externas, mas nos são impostos novos fardos e novas necessidades de orientação até então desconhecidos: categorias como responsabilidade própria, disciplina e vontade tornam-se significativas para o indivíduo em formação a partir do momento em que ele não apenas pode como também deve “tornar-se alguém” na vida. Assim como o trabalhador está livre para vender sua força de trabalho -para além das coerções feudalistas- onde é mais vantajoso, como diz Marx. Ele também está livre para “se vender no mercado”, ou seja, foi libertado das seguranças de orientação e de abastecimento da existência não livre. “Nessa perspectiva, o processo histórico da

individualização significa que o indivíduo não se constitui mais através da posição social que ocupa ou do fato de ser membro de um agregado social, e sim através de um programa de vida autônomo”³ (Welzer, 2012:16).

Trata-se, sem dúvida, do sinistro “sucesso” das teorias hegemônicas de gestão, que orientam a mais eficaz rede social do planeta, pois completamente empenhada, e com pleno sucesso, em autorizar como fonte de referência para seu ato de julgamento a articulação entre o axioma hobbesiano (a crença de que o mundo seria uma guerra de todos contra todos, o que nega o princípio da autonomia e da criatividade que fundou o Ocidente) com vontade de gerar então a “accumulation by despossession”, a qual se refere David Harvey. E que resulta em um círculo perverso de pobreza para o qual contribuem de maneira consciente ou não, e de maneira mais ou menos profunda, todos aqueles que ganharam, como dito, mais de 833 dólares/mês em 2014:

“The evidence indicates that poverty causes stress and negative affective states which in turn may lead to short-sighted and risk-averse decision-making, possibly by limiting attention and favoring habitual behaviors at the expense of goal-directed ones. Together, these relationships may constitute a feedback loop that contributes to the perpetuation of poverty” (Haushofer & Fehr, 2014:826).

A Rota de Saída da Roda de Sofrimento

Tornou-se clássico no campo das ciências humanas e sociais afirmar-se, em especial pelos pós-modernos,

³Welzer está citando Kohli, Martin (1988): Normalbiographie und Individualität: Zur institutionellen Dynamik des gegenwärtigen Lebenslaufregimes, in: Brose, Hanns-Georg/Hildenbrand, Bruno (org), Opladen 1988, p. 33-53.

a impossibilidade da verdade, do amor, da ação desinteressada (Eagleton, 2003), etc., categorias denegadas de maneira sistemática, de certa forma por justificado medo, e isto dito de maneira sumária, frente aos “essencialismos” experimentados pelo Ocidente hegemônico, em sua característica central de ser, como mostrado por Boaventura de Souza Santos, epistemicida. Ou seja, experimentadas e fracassadas tais apostas autorreferentes, como a do “amor cristão”, a do “amor comunista” e a do “amor hippie”, jogou-se fora o bebê da verdade, do amor e da ação desinteressada junto com a água epistemológica, teórica, metodológica e vivencial de seu banho.

É por isso que constatamos tantos de nossos colegas terminarem suas conferências e artigos afirmando não trazerem “respostas”, sob a alegação do caráter “complexo” da realidade; mas, por isso, apenas “mais perguntas”. No entanto tal (des)orientação sintomaticamente trouxe as ciências humanas e sociais, e assim a Teoria da Gestão, a um outro essencialismo, tão fundamentalista quanto os da Antiguidade e os de seus desdobramentos fascistas até a atualidade. Diante do qual a teoria e os teóricos, assim como as lideranças dos movimentos sociais, se dizem perplexos e mostram-se paralisados diante do agravamento dos sintomas a que dedicaram suas vidas para superar e que vêm crescendo e assumindo uma infinidade de formas ameaçadoras: a totalização absoluta pela financeirização do mundo e da vida, pelo “deus-capital”. A totalização pelo que chamamos, na perspectiva psicopolítica da teoria social, de estados mentais da ignorância, ódio e ganância, aos quais logo voltarei.

Trata-se, portanto da necessidade (e da responsabilidade acadêmica em relação a uma alternativa concreta aos “resultados” que se vem obtendo, como vimos no início uma síntese deles) de uma outra perspectiva para a Teoria

da Gestão, estabelecida a partir de outro fundamento epistemológico (Ouriques, 2011b), capaz de eliminar teórica e metodologicamente o que está enraizado na *mente* [órgão biocultural, consciência incorporada, como constata parte robusta das neurociências; e portanto não apenas “razão” (pois existem pelos menos três razões: a *instrumental*, que nada tem de má em si mesma; a *cognitiva* e a *axiológica*: Ouriques, 2013b) mas, sim, complexo de pensamentos, afetos e percepções], e que faz com que as intenções de “boavontade”, como acima referido, acabem muitas vezes produzindo o contrário do que anunciam ser capazes.

O fato é que os mundos vividos (*Lebenswelten*) são, claro, intensamente influenciados pelas infraestruturas materiais e institucionais, mas, em primeiro lugar, são determinados pelas infraestruturas mentais (epistemológicas, teóricas, metodológicas e vivenciais⁴). Como ficou absolutamente claro com a pragmática (Poulain, 1991; Ribeiro, 2014) no final do século XIX (o termo “pragmática” designa a disciplina que analisa os efeitos de linguagem feita a abstração de sua verdade), e sua articulação com a teoria da comunicação e suas relações com a publicidade, o marketing (inclusive aquele que originou a atual “comunicação política”: Serpa, Marcelo (2013)) e as relações públicas (que muitos creditam a Edward Bernays, sobrinho de Sigmund Freud, ter sido o criador, nos EUA, na primeira metade do século passado) o que permitiu aos movimentos conservadores exponenciarem o entendimento que já tinham de que o regime de servidão é instaurado através de operações psicológicas com fins políticos⁵;

⁴E que se instauram a partir da respiração, este *lugar* no qual se autoriza ou não o entendimento epistemológico-vivencial da Natureza como viva, como auto-poiese.

⁵Estes são os 11 eixos de operações psicológicas com fins políticos, com os quais trabalhamos na perspectiva psicopolítica da teoria social para que os sujeitos, redes, movimentos e organizações superem suas predisposições às manipulações que assim lhes são

este amplo processo que acaba sendo consolidado pela quarta geração da ciência da guerra, a partir da guerra da Argélia, a *guerra psicológica*.

É urgente, portanto a perspectiva psicopolítica para que seja resgatada a potência crítica do pensamento, ainda hoje concentrada, de maneira geral, ou na referida tecnofilia acrítica ou na tradição marxista sob seus muitos desdobramentos, inclusive nos estudos pós-coloniais e nos *subaltern studies*:

“For more than a hundred years, across the globe, it was the Marxist tradition that carried the banner of radical analysis. Its analytical categories formed the lingua franca of political analysis, and its anticapitalism formed the core of radical critique. Postcolonial theory presents itself as Marxism’s successor in both dimensions, the critical and the analytical. Its theoretical framework supposedly remedies the usual laundry list of ills attributed to Marxist theory—

dirigidas: 1. Família/Sociedade (a mentalidade do “crescimento ilimitado”, reificada pela violência de gênero e pela violência contra a infância); 2. Educação (a pedagogia da opressão); 3. Mídia (a concentração crescente da propriedade cruzada dos meios de comunicação desregulados sob o argumento baseado nos insustentáveis conceitos de “censura” e de “liberdade de expressão comercial”); 4. Esportes (o incentivo à competição entendida como eliminação do outro para objetivos rentistas) 5. Religião (o esvaziamento do contato direto com a *auto-poiesis* através da relação mediada, reforçando o *regime de servidão*);

6. Ciência (comprometida tecnologicamente com os interesses bélicos, financeiros, comerciais, publicitários, eleitorais; e com o “dissenso consentido” promovido pelas agências de financiamento de pesquisas e monitoramento dos programas de pós-graduação);

7. Arte (a dramaturgia da *mimesis*, ao invés do *êxtase*); 8. Justiça (a punição por conflito com a Lei); 9. Psiquiatria (a punição por conflito com a “normalidade”); 10. Guerra Psicológica (em sua 4a. geração, a Guerra Psicológica tem como principal objetivo exatamente gerar a decepção no adversário, o estado mental anteriormente referido, pois é o que permite dominá-lo da maneira mais eficaz e eficiente); 11. Vigilância e Controle (o caráter panóptico da internet, como provado pelo Echelon, Wikileaks e Snowden.

its determinism, teleology, Eurocentrism, reductionism, and so forth. In addition, its critical core supposedly aligns more closely with the aspirations of subaltern groups, particularly in the non-West. In all the best-known works produced by the Subaltern Studies collective, even though the Enlightenment tradition as a whole is routinely impugned, it is Marxism that takes the brunt of the attack” (Chibber, 2013:284).

Foi por considerar o pano de fundo de todas estas questões que apresentei em 2005, na Conferência Internacional do Instituto Ethos, a criação do *Quarto -e último- Bottom Line, a Gestão da Mente Sustentável* (Ouriques, 2009a), que solucionou o enigma de como obter sustentabilidade e fazer mais palavras ética sincronizarem com ações éticas, metodologia hoje denominada *Gestão Mental* e aplicada a toda área em que se quer mudança efetiva⁶, uma vez que o vigor operacional do.

“concept *Sustainability*, in the original sense of the *Brundtland Report*, and the (...) concept *Social Responsibility*, in the sense of a multi-actor and multilevel social responsibility in a territorial scope, as Patricia Ashley (Ashley, 2011) reframes⁷ the concept, have the same key-challenge: the actor that wants to be *sustainable* and *responsible* needs (1) to work with a psychopolitical (...) perspective (2) to overcome, (3) through *Mind Management* (...), the presence of the *mindset* of the

⁷Um dos maiores exemplos destas aplicações tive oportunidade de realizar

⁸“As Patricia Ashley pointed in her pioneering work, is urgent the renovation of current perspectives on the social responsibility concept, because as we know it is mostly based on an exclusively “self-sufficient and autonomous” sphere of social responsibility at the organizational scope, as is the case of the most published perspective of corporate social responsibility” (Ouriques, 2012:107).

modern *West*⁸ in its *mental territory*⁹ (...). This mindset, a *delusion*, is “a massive epistemicide [that] has been underway for the past five centuries, whereby an immense wealth of [sustainable, responsible and collaborative] cognitive experiences has been wasted” (Boaventura, 2006:26). If the *critical self of West* (Nandy, 2011) recommends a *call for action* (Brundtland, 1987)¹⁰, *Mind Management is the way to action*, that produces the *psychopolitical competence of responsible*, and therefore *non-violent*¹¹ (Galtung, 2003), redescription

of individuals, networks, projects and organizations in front of economic-political domination, and drives and desires” (Ouriques, 2012).

Como reconhecem Barbara Unmüßig e Tilman Santarius¹², “há que integrar outro nível, mais profundo, de autorreflexão [Ouriques, 2014], para que a grande transformação tenha êxito. Temos que ser capazes de compreender os mecanismos e os princípios em que se baseiam os nossos ideais e desejos, nossas fantasias e percepções de satisfação” (Welzer, 2012:8).

“Há total ausência dessas conjecturas e referências teóricas no atual debate sobre o crescimento econômico, assim como nas hipóteses sobre uma terceira Revolução Industrial (BMU 2008) e uma sociedade pós-carbono (*bem como, digo eu, na Teoria da Gestão*). Procuram-se caminhos alternativos ao crescimento e estratégias que conduzam à sociedade pós-carbono principalmente nas tecnologias e nas políticas de ordenamento e de incentivos econômicos. As esferas mentais e dos “mundos vividos” (“Lebenswelt”) não aparecem enquanto variáveis nesses cenários tecnológicos da “Terceira Revolução Industrial”, muito menos nos estilos políticos da atualidade. Por isso, já estava mais do que na hora de se lançar um olhar sobre a gênese das infraestruturas mentais (...). Este olhar pode fornecer indícios sobre os obstáculos sociológicos e psicológicos e as estruturas emperradas que dificultam tanto a reforma da sociedade do crescimento para uma sociedade pós-crescimento.” (Welzer, 2012:11)

⁹Um dos mais importantes sociólogos da Índia, tem um pensamento crítico influente e consistente sobre a aplicação da secularização Ocidental ao seu país: “One of the most important sociologues of India, has an influential and consistent critical thought about Western secularization applied to his country: “this colonialism colonizes minds in addition to bodies and it releases forces within the colonized societies to alter their cultural priorities once for all. In the process, it helps generalize the concept of the modern West from a geographical and temporal entity to a psychological category. The West is now everywhere (...) (Nandy, 2011:XI)” (Ouriques, 2012: *id*)

¹⁰“To better understand the concept *mental territory*, that I have created in 2009, we need at first to clarify what means *territory*. Etimologically it is has a double connotation: close to *terra*, *territorium*, and, at same time, close to *terreo*, *territoria* (*terror*, *terrorize*), *territory* is directly related with *power*, because it is a socially constructed space, closely linked to how people use it functionally and how they give meaning to it” (Ouriques, 2012: *ib*).

¹¹ “The *Brundtland Commission*, formally the *World Commission on Environment and Development-WCED*, known by the name of its Chair Gro Harlem Brundtland, was convened by the United Nations in 1983. It was created to address growing concern “about the accelerating deterioration of the human environment and natural resources and the consequences of that deterioration for economic and social development.” Gro Harlem is a norwegian Social democratic politician, diplomat, and physician, and an international leader in sustainable development and public health. In 1983, Brundtland was invited by then United Nations Secretary-General Javier Pérez de Cuéllar to establish and chair the *WCED* that has published its report *Our Common Future* in April 1987. The *Brundtland Commission* provided the *momentum* for (1) the 1992 *Earth Summit/UNCED*, that was headed, as we know, by Maurice Strong, who had been a prominent member of the *Commission*, and for the *Agenda 21*. More: <http://is.gd/J00fxo>” (Ouriques, 2012:107-108)

¹²“Brundtland was elected *Director-General of the World Health Organization* in May 1998. In this capacity, Brundtland adopted a far-reaching approach to public health, establishing a *Commission on Macroeconomics and Health*, chaired by Jeffrey Sachs, and addressing *violence* as a major public health issue.” More: <http://is.gd/eBhYM3> (Ouriques, 2012:108).

¹³Da Fundação Heinrich Boll, então respectivamente Presidenta e Assessor para Política do Clima e de Energia Internacional.

Tudo depende, portanto que o sujeito supere suas predisposições [Bernays, (1947) 2010] à manipulação psicopolítica de suas predisposições, de maneira a que supere da mesma maneira, ou seja, psicopoliticamente, a tendência também histórica, e exatamente sincrônica à descrita anteriormente, de ser capturado pelos mesmos valores que diz querer superar no plano dualisticamente imaginado como “social”. É o que se tem visto à direita e em vários casos à esquerda, como no caso do Partido dos Trabalhadores no Brasil (Ouriques, 2012d), o que contribui de maneira decisiva para a nova ascensão do fascismo mundial, cujas manifestações estão em todas as partes e em todos os aspectos da vida humana neste início do século XXI. Repetindo tantas vezes o velho autoritarismo patriarcal, que retorna como esfinge a exigir ser decifrada, como é o caso do *estado de exceção* apontado por Agambem, e em progressivo avanço, por exemplo na forma, desde o final dos Anos 90, da constituição do *Direito Penal do Inimigo*¹³.

A Perspectiva Psicopolítica da Teoria da Gestão

Ou seja, o caminho é assumir em rede a responsabilidade sobre a reedição do fluxo de estados mentais que emergem no território mental (Ouriques, 2012c),

¹⁴ O *Direito Penal do Inimigo*, teoria sustentada desde 1985 pelo pensador alemão Günther Jakobs, está baseado na penalização de condutas futuras dos considerados “inimigos”. Ou seja, está prevista “legalmente”, a aplicação de penalização preliminar à apuração da conduta criminal, o que retira o “inimigo” da condição precípua de cidadão e do correspondente sistema normativo, o que contradiz frontalmente, como se sabe, as garantias jurídico-penais construídas ao longo da História. Enquanto o “indivíduo-cidadão” é punido através de uma pena pretérita (ou seja, um direito retrospectivo que trata do “ocorrido” e, portanto, “objetivo” e “certo” visando otimizar a liberdade), o “indivíduo-inimigo” é objeto de coação através de medidas de segurança preventiva (ou seja, um direito prospectivo, a respeito do “provável”, e assim da proteção de um “bem jurídico”), com base em sua “personalidade”, “antecedentes”, “condição de vida” e pela pressuposição de uma “periculosidade objetiva e futura” baseada, como dito, nos padrões comportamentais (sejam de hábitos, sejam profissionais) considerados a partir de tais critérios “jurídico-penais” lesivos à sociedade.

deslegitimando pela compreensão transdisciplinar¹⁴, repito epistemológica, teórica, metodológica e vivencial, aqueles estados mentais destrutivos, anteriormente referidos, e característicos do igualmente citado *axioma hobbesiano*:

1. o da *ignorância* (de que a Vida é auto-poiética, amorosa, estado que procuramos recompor com os nomes de solidariedade, justiça social, equidade econômica, segurança ambiental, direitos humanos, direitos da Terra, etc.);
2. o do *ódio* (resultante da recusa da amorosidade da Vida, que constitui inclusive a mônada do aparelho psíquico);
3. e o da *ganância* (com a qual o indivíduo interpõe “objetos” entre ele e a “lacuna sinistra” que se abre diante dele por sua recusa à Vida, com seu ciclo de aparecimento e desaparecimento).

Esta atitude está articulada, assim, com a legitimação gradativa e cumulativa como fonte de referência para o ato de julgamento os estados mentais emancipadores, como os do “melhor argumento”, pois referenciados no dom, na generosidade, na alegria, na humildade, na solidariedade, na celebração.

Não basta, portanto afirmar uma teoria “do afeto”, como eu dizia já em 1992. É de nossa responsabilidade o

¹⁵ Como bem mostra Marcio Tavares d’Amaral, “há comunicação, isto sim, no núcleo mesmo da estruturação da ciência, vista numa perspectiva transdisciplinar -que não é uma aventura do espírito, mas uma radical exigência da crise. O modelo do trabalho transdisciplinar é um modelo-comunicação. (...) cada ciência particular, como parte modernamente reprodutora do paradigma Ciência, se organiza a partir de uma questão-comunicação: um tema, um problema, uma estratégia, um método -que faz presente a multiplicidade complexa do real, ainda que sob a forma redutora própria da especialidade. Seria possível indicá-lo com alguns exemplos: a verdade como questão-comunicação da filosofia; a informação e o código genético como questão-comunicação da biologia; a cultura como questão-comunicação da antropologia; a relação social como a questão-comunicação da sociologia; a troca como questão-comunicação da economia” (Amaral, 1995:92).

realinhamento de nossos quadros teóricos, de maneira a ajudar a fortalecer o referido descondicionamento psicopolítico em rede do sujeito, em sua relação com seus processos cognitivos, afetivos e volitivos, que determinam a sua capacidade argumentativa e, assim, a qualidade emancipadora ou não do afeto que determina a sua ação no mundo.

Pois como se sabe, passamos a remeter o sujeito ao *desejo* (portanto ao *afeto*) desde o final do século XIX, e assim o fizemos ao longo de todo o século passado, e o resultado está aí: a totalização pelo *desejo* capturado pelo fundamentalismo do “crescimento ilimitado”, segundo o qual o sujeito supõe experimentar a “liberdade”, quando está submetido ao regime de servidão voluntária, no exercício dos tristes papéis (pois anti-sociais, negação da *auto-poiese*) de “dominador” e “dominado”.

Dito de outra forma, a perspectiva psicopolítica oferece a possibilidade comprovada de resgatar a capacidade do sujeito de tornar-se *agência*. Isto é, de resgatar a sua capacidade de agente de efetiva mudança. De retomar o também referido princípio da autonomia e da criatividade com a qual fundamos o Ocidente. De não aceitar, por exemplo, a “inovação” apenas como “mais do mesmo”, alimentando a obsolescência dos objetos e das pessoas, a obsolescência desta invenção epistemológica do dualismo: o “outro” como externalidade absoluta; esta operação-espelho sinistro da perda da capacidade de pensar.

O dualismo aprisiona os movimentos de mudança organizacional e social por insistir em operar categorias inexistentes no nível da realidade como as categorias “sociedade” e “indivíduo”, como mostrado, por exemplo, de maneira cristalina por Norbert Elias com sua teoria civilizatória, que já em 1969 revelou os paralelos entre

psico e sociogênese ao investigar os passos da civilização e a formação de personalidades.

Da mesma forma o “capitalismo”, sob a perspectiva psicopolítica, não se tornou “cognitivo”, pois o que ocorreu com o nomeado “deslocamento da própria função produtiva para as atividades imateriais” foi que a ênfase radical (e dualista) nos “conhecimentos” desequilibrou, mais do que as teorias do valor, tanta a marxista quanto a neoclássica, o próprio fundamento epistêmico do pensamento social, uma vez que provou a centralidade que “eles” -os “conhecimentos”- sempre tiveram; e que não era percebida pelo uso da episteme dualista, fragmentada entre “materiais” e “imateriais”, entre “infra” e “super” estruturas.

Maurício Lazzarato reconhece isso com clareza. Pois, digo eu, no conceito “cognitivo”, neste caso, está contida a afirmação não de que o capitalismo teria só então se tornado “cognitivo”, mas que a mentalidade que o move radicalizou sua capacidade de fabricar o desejo e a crença. Como diz Lazzarato, o “capitalismo sempre foi a relação entre a tecnologia, o saber e o próprio capital. O que muda é o tipo de tecnologia e de saber envolvidos na relação. São tecnologias novas, que concernem à mente, tecnologias biológicas. E o saber mudou porque diz respeito a essas relações” (Carvalho, 2006_o).

É assim que a financeirização do mundo fez emergir ao lado do conceito “capitalismo” (sob os qualificativos de “imaterial”, “cognitivo”, etc.) a instância que de fato a cria, e a tudo que se experimenta: a *mente*. Como sublinhou Vigostky, o drama da condição humana advém unicamente da consciência.

Ao analisar em profundidade o trabalho de Jerome Bruner, Josep Curto lembra que

“todo parece indicar, desde el punto de vista psíquico, somos más propensos a comportarnos como porfiados ‘ontólogos’ que como ‘críticos epistemólogos’, es decir, que solemos tomar nuestras ‘realidades’ mentales y culturales como si fueran las únicas ciertas y posibles, y negamos etnocéntricamente las de los ‘otros’, por considerar-las punto menos que ficticias y sospechosas. Por tanto, lograr la comprensión mutua y avanzar hacia la construcción común de proyectos socioculturales, que sean realmente capaces de dar sentido a un futuro hoy por hoy incierto, es una tarea que sin duda está minada de no pocos obstáculos a superar. Se necesita algo más que la perseverancia en la igualdad y la tolerancia, se requiere sobre todo de un constante ejercicio de autocrítica cultural” (Curto, 2005:422-423).

Por isso é que esperar do “Estado” ou do “Mercado” a solução dos problemas é ineficiente e aprofunda a *sociedade da decepção* (Lipovetsky, 2008) -o estado mental que é o objetivo da referida *guerra psicológica*-, na medida em que tais instituições são formadas pelos mesmos sujeitos que fora delas frequentemente são movidos acriticamente por estados mentais que os atravessam, como aqueles que formam o coletivo que descrevi no início deste artigo.

É neste sentido que compreendo a afirmação, a seguir, de Frantz Fanon, apesar de discordar que a classe dominante estaria em uma posição confortável, na medida em que promover injustiça só é possível quando se é injusto consigo mesmo, e, portanto opor o “burguês” ao “proletário” ou ao “trabalhador” é psicopoliticamente equivocado, uma vez que os estados mentais da ignorância, ódio e ganância não se restringem, como sabemos, aos chamados “capitalistas” e nem mesmo aos “reacionários”, pois a História mostra

quantos “revolucionários” e “revoluções” têm sido capturadas pela *peste fascista*, identificada de maneira brilhante e pioneira por Wilhem Reich.

Afirma Fanon que o estratégico é:

“(…) to teach the masses that everything depends on them; that if we stagnate it is their responsibility, and that if we go forward it is due to them too, that there is no such thing as a demiurge, that there is no famous man who will take the responsibility for everything, but that the demiurge is the people themselves and the magic hands are finally only the hands of the people. In order to put all this into practice, in order really to incarnate the people, we repeat that there must be decentralization in the extreme. The movement from the top to the bottom and from the bottom to the top should be a fixed principle, not through concern for formalism but because simply to respect this principle is the guarantee of salvation. It is from the base that forces mount up which supply the summit with its dynamic, and make it possible dialectically for it to leap ahead” (Fanon, 1968:197-198).

Trata-se assim de superar psicopoliticamente em rede o centramento epistêmico dualista das ciências humanas e sociais, e nelas a Teoria da Gestão, que fez e faz com que o estado mental “capital” engula tudo.

“O capitalismo (...), com todo o seu crasso materialismo, é secretamente alérgico à matéria. Nenhum objeto específico pode satisfazer seu voraz apetite, enquanto procura sem descanso, passando de um para o outro, reduzindo cada um a nada na busca ruinosa de seu desejo último. Apesar de ser caso de amor com a matéria, sob a forma de vilas toscanas e conhaques duplos, a sociedade capitalista abriga um ódio secreto a tudo que é material. É uma cultura

injetada de fantasia, idealista até o cerne, potenciada por uma vontade desencarnada que sonha em fazer a Natureza em pedaços. Faz da matéria um ídolo, mas não consegue engolir a resistência que ela oferece aos seus esquemas grandiosos” (Eagleton, 2003:223).

Por isso costume afirmar que o “capitalismo” não é materialista, pois tal mentalidade odeia o que chama de “matéria”. Apenas a superação da base dualista que assim reiterou e reitera o “crescimento ilimitado”, por acabar sendo reforço dos estados mentais “neoliberalismo” e “neodesenvolvimentismo” (em suas funções de construtores do *Palácio de Cristal* do mundo moderno, no sentido de Dostoiévski¹⁵, com seu interior controlado¹⁶), demanda conhecer em profundidade a

¹⁶O Palácio de Cristal -The Crystal Palace- recebeu a Grande Exposição de 1851, em Londres, Hyde Park, com mais de 14 mil expositores de todo o mundo com o up-to-date das tecnologias da Revolução Industrial. Dostoiévski o utilizou como metáfora para falar do mundo moderno, aquele que fica dentro do “Palácio”, planejado e controlado. A construção original, em ferro fundido e vidro, tinha 564m de comprimento e 33m de altura. Posteriormente foi desmontada e remontada em outro bairro. Seu uso social nunca deu certo, até que um incêndio em 1936 destruiu-a quase completamente, e o que sobrou, umas torres d’água para alimentar o esquema de jardins, fontes, terraças e

cascatas, foi derrubado durante a Segunda Guerra para evitar que os nazistas as usassem como ponto de referência para os bombardeios. Este tipo de arquitetura inspirou vários outros palácios semelhantes, como em Madri, Porto e em Petrópolis, Brasil.

¹⁷Chama atenção a sincronia desta construção com o movimento organizado desde 2003 para reconstruir outro palácio muito significativo, apenas menos significativo do que a intenção de reconstruí-lo: o Palácio das Tulherias, incendiado exatamente pela Comuna de Paris. Como se sabe, a Comuna de Paris foi o primeiro governo operário da história (que durou de 26 de março a 28 de maio de 1871). Este palácio foi um dos principais símbolos do Segundo Império Francês, com 266m de fachada que fechavam as duas pontas do atual Museu do Louvre voltadas, claro, para o Jardim das Tulherias. Calcula-se que os participantes da Comuna executaram cerca de cem pessoas e mataram outras novecentas durante as lutas. Foram vencidos pelas tropas de Louis Adolphe Thiers, que executaram 20 mil pessoas dentre um total estimado de 80 mil mortos.

impregnação e incorporação do fundamento epistêmico que permite que forças emocionais sejam capturadas de maneira inconsciente, também pelas esquerdas¹⁷, e à direita,¹⁸ por esta mentalidade, há muito criticada por exemplo por Walter Benjamin¹⁹: “Este es el punto, y no es problema teórico, es un problema epistémico” (Zemelman, s/d), pois “a substância última das relações dominantes encontra sua expressão ideal em alguns significantes mestres²⁰ que em sua substância são transmitidos e internalizados como cargas afetivas, e

¹⁸Importante lembrar, com Maurizio Lazzarato que: “A esquerda [pelo menos na Europa] permanece com o conceito de produção individual, continua a defendê-lo. É a mesma coisa ao que diz respeito ao emprego. É claro que, se a produtividade ultrapassa o trabalho individual, há mais de produção excedente, que deveria, aliás, ser distribuída. Deveríamos pensar a distribuição dessa riqueza não apenas através do acesso ao emprego. O que é esquisito é que o que acontece na Europa é exatamente os setores do Capitalismo Cognitivo terem excedente de mão-de-obra com necessidade de valorização. Então, há pesquisadores demais, artistas demais, gente demais precarizada. E a única coisa que a esquerda propõe é um trabalho para todos estes “demais”, quando seria necessário propor uma Renda Universal. É por isso que lutamos! A lógica da precarização e pauperização não tem como causa apenas as políticas liberais mas essa postura da esquerda” (Carvalho, 2006a).

¹⁹Para Sloterdijk há uma semelhança entre os movimentos comunistas -apesar destes terem uma perspectiva universalista- e os movimentos fascistas, com sua perspectiva localizada, uma vez que ambos são bancos de ira, e por isso por trás do movimento comunista se esconde um fascismo de esquerda. Sob minha perspectiva, digo eu, muitas vezes este banco de ira é voltado em primeiro lugar contra as próprias pessoas, que ostentam o papel de vítimas -daquelas que estariam se sacrificando contra a “própria vontade” pelo que supõem ser o “coletivo”, quando concretamente ocupam posições de destaque, com as respectivos prerrogativas e privilégios, construídas a partir do prestígio obtido pelo referido papel de “vítimas”, que sustentam em desdobraimento ao paradigma judaico-cristão. É claro que como seriam “vítimas” elas se permitem, nas organizações e movimentos a que pertencem, vitimar, e aí de fato, outros, reproduzindo o regime de servidão, frequentemente de maneira inconsciente.

²⁰Para ele o materialismo histórico se diferencia rigorosamente dos hábitos de pensamento burgueses por ter como seu conceito fundamental não o progresso, mas sim a atualização.

²¹Concordo com o uso que Mauro Iasi faz do conceito significantes mestres no sentido lacaniano e suas relações com o conceito de equivalente geral de Marx, “tal como estabelecem Paulo Silveira (...) e Salvo Zizek (...)” (Iasi, 2012:153).

não meramente ideias” (Iasi, 2012:153). Portanto não como apenas “ideologia”.

Difícil? Sim. E não.

Sim: pois implica em mudar o fundamento epistemológico de sua ação no mundo. É, portanto revisar em rede a partir de si mesmo a história da Humanidade. Neste ponto a ciência e o senso comum se encontram perfeitamente, pois tal capacidade de revisão já existe. A estratégia é o sujeito trocar a fonte de referência de seu julgamento e assim tornar-se, como disse, *agência*; tornar-se *gandhianamente* aquilo que quer no mundo, pois

“Se, na era pré-moderna, a vida era em larga medida um caminho de tempo sem grandes variações que antecedia a morte, depois da qual pelo menos existia a perspectiva positiva de uma felicidade no além, com a liberdade da configuração da própria vida veio a obrigatoriedade de ter que “deixar uma obra de vida na Terra”²¹. Com isso surge uma demanda permanente por orientação e autoconfiança. A necessidade -real e percebida- de “absorver dentro de si o máximo possível do mundo“, como disse Wilhelm von Humboldt, produz uma crescente pressão de “economicizar” a nós mesmos e nossas vidas. Isso também pode ser feito de forma mais ou menos bem-sucedida. Essa tal condução de vida exige controle, medida e observação. Em resumo: um alto grau de autocoerção, de coerção interna” (Welzer, 2012:16).

Não: porque bem sabemos que o cerne das teorias da gestão hegemônica é exatamente treinar cada indivíduo como “sujeito do autocontrole contínuo e dos

²²Welzer está citando Brose, Hanns-Georg/Hildenbrand, Bruno (1988). *Biographisierung von Erleben und Handeln. in Vom Ende des Individuums zur Individualität ohne Ende*, Opladen, p. 11-30.

balanços anuais, um sujeito que, assim, cria para si uma trajetória intramundana”, como lembrado por Harald Welzer, citando Joseph Vogl²²: nenhum tempo pode ser desperdiçado e nenhum ato pode ser improdutivo. Além disso, já que o sucesso comercial é idêntico ao biográfico, os mesmos parâmetros valem tanto para o negócio quanto para a vida.

A verdade é que é muito mais difícil absorver dentro de si um mundo movido por estados mentais insustentáveis. Posso garantir que até que se supere psicopoliticamente (seja com esse nome ou com outro) em rede o “inimigo interno” (Nandy, 2011) -ou seja as predisposições que nos fazem consentir, ou não, à manipulação (Bernays²³, 2010)- “the endless toilers of the earth will continue to nurture monstrous desires for utopia as they walk ‘the endless dream of their roads’ ” (McNally, 2011:269).

²³Welzer sublinha que a prática comercial da contabilidade é dispositivo que permite observação e controle constantes de acontecimentos mutantes. “A contabilidade administra os eventos ao anotá-los seletivamente nos diversos registros (diário, livro razão, livro caixa) e separa de acordo com ganhos e perdas. Os eventos são registrados no eixo temporal e dentro de determinadas unidades de tempo que valem da mesma forma para todos os eventos. Tal técnica de notação garante a continuidade e, assim, vira pré-condição para o crescimento. Para o comerciante, a introdução da contabilidade significa que ele de alguma forma perde o sono, está sempre agitado e vigilante, “um sujeito do autocontrole contínuo e dos balanços anuais, um sujeito que, assim, cria para si uma trajetória intramundana” (Welzer, 2012:17)”. Welzer está citando Vogl, Joseph (2009). *Poetik des ökonomischen Menschen. Metamorphosen des Subjekts in der Moderne*, Literaturkritik.de, Nr. 5.

²⁴Considerado pela Times um dos 100 americanos mais influentes do século XX conhecia bem o alto grau de irracionalidade das pessoas, organizações e sociedade, o que permite que elas sejam manipuladas.

Referências bibliográficas

- Amaral, M. T. d' (1995). *O homem sem fundamentos: sobre linguagem, sujeito e tempo*. Rio de Janeiro: UFRJ e Tempo Brasileiro:
- Bernays, E. L. (2010). The engineering of consent. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 250(1), reprinted by permission of SAGE Publications, Inc., USA. pp. 113-120.
- Carvalho, E. (2006a). Capitalismo Cognitivo e trabalho imaterial. *Carta Maior*, 05/12/2006. Recuperado: http://www.cartamaior.com.br/detalheImprimir.cfm?conteudo_id=12131&flag_destaque_longo_curto=L
- Carvalho, E. (2006b). Capitalismo Cognitivo e trabalho imaterial. *Carta Maior*, 05/12/2006. Recuperado: http://www.cartamaior.com.br/detalheImprimir.cfm?conteudo_id=12131&flag_destaque_longo_curto=L
- Crédit Suisse Investment Bank (2010). *Global Wealth Report 2010*. Head of Global Securities, Products and Themes. Recuperado: <https://publications.credit-suisse.com/tasks/render/file/index.cfm?fileid=88DC07AD-83E8-EB92-9D5C3EAA87A97A77>
- Chibber, V. (2013). *Postcolonial theory and the specter of capital*. London, New York: Verso.
- Crédit Suisse Investment Bank (2014). *Global Wealth Report 2014*. Head of Global Securities, Products and Themes. <http://economics.uwo.ca/people/davies/docs/credit-suisse-global-wealth-report-2014.pdf>
- Curto, J. M. (2005). *La cultura en el laberinto de la mente: aproximación filosófica a la "psicología cultural" de Jerome Bruner*. Argentina: Miño y Dávila.
- Eagleton, T. (2003). *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Fanon, F (1968). *The wretched of the Earth.*, New York: Grove Press
- Godbout, J. T. (1999). O espírito da dádiva. (em colaboração com Alain Caillé). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Haushofer, J y Fehr, E. (2014). On the psychology of poverty. *in Science*. Vol. 344, Issue 6186, 23 May 2014.
- Iasi, M. (2012). *As metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento*. São Paulo: Expressão Popular.
- Infogrecia (2015a). *Habermas: Governo alemão assumiu-se como chefe disciplinador da Europa*. 19 de Julho de 2015 <http://www.infogrecia.net/2015/07/habermas-governo-alemao-assumiu-se-como-chefe-disciplinador-da-europa/>
- Infogrecia (2015b). *Stiglitz na Grécia: Programas concebidos com pistola apontada à cabeça nunca funcionam*. 22 de Julho de 2015. <http://www.infogrecia.net/2015/07/stiglitz-na-grecia-programas-concebidos-com-pistola-apontada-a-cabeça-nunca-funcionam/>
- Lipovetsky, G. (2008). *La sociedad de la decepción*. Entrevista con Bertrand Richard. Barcelona: Anagrama.
- Mcnally, D. (2011). *Monsters of the market zombies, vampires and global capitalism*. Boston: Leiden.
- Melman, C.(2003). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Entrevistas por Jean- Pierre Lebrun. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora.
- Ministério do Meio Ambiente (2013). *Estratégia de Educação Ambiental e Comunicação Social para a gestão de resíduos sólidos*. Ministério do Meio Ambiente-Secretaria de Articulação e Cidadania Ambiental e Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Projeto BRA/61-P7 (PNUMA), Contrato no BRA 10-23902/2013. Brasília.

- Nandy, A. (2011). *The intimate enemy: loss and recovery of Self under colonialism*. New Delhi: Oxford India Paperbacks.
- Poulain, J. (1991). *L'age pragmatique ou l' experimentation totale*. Paris: L'Harmattan.
- Ouriques, E. V. (2014). Sobre la Economía Psicopolítica. *in* *Oficios Terrestres*, N.º 31, Julio/Diciembre 2014 [Informe Especial Modos de Pensar Latinoamericanos]. Universidad Nacional de La Plata, Argentina. pp. 30-48.
- Ouriques, E. V. (2013a). Auto-reflexão, valor e fato: o silêncio epistêmico que emancipa Ciência, Cultura, Tecnologia e Arte. *in* *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*. Academia Galega da Língua Portuguesa Vol. 06. Santiago de Compostela, Galiza.
- Ouriques, E. V. (2013b). Psicopolítica, Tradição e Cultura como um Modo da Natureza: um Estudo Comparativo entre Gandhi e Comunicação Distribuída. *in* *Numen: Revista de estudo e pesquisa da religião*. Vol.15 (Nº.2). Edição Especial Brasil & Índia, Loundo, Dilip (ed.). Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. ISSN, on line, 22366296; ISSN, impressa, 1516-1021.
- Ouriques, E. V. (2012a) Desinsulação de Culturas: o caso dos conceitos Juventude e Riqueza nas tradições lusófona e ibero-americana. *in* *Anais do XVIII Colóquios da Lusofonia*. 05 a 07 de Outubro de 2012, Ourense, Galiza.
- Ouriques, E. V. (2012b). Psychopolitics and Mind Management: the way for responsible decision-making in a multiactor, multilevel and territorial approach. *in* Ashley, Patricia & Crowter, David (ed.). *Territory of Social Responsibility: Opening the Research and Policy Agenda*. A report of the International Policy and Research Group on Territories of Social Responsibility, The Gateway Leicester Business School, de la University of Monfort Leicester, UK, y la Universidade Federal Fluminense, Brasil. Gower Publications, United Kingdom. ISBN 978-1-4094-4852-5
- Ouriques, E. V. (2012c). Territorio Mental: el Nudo Gordiano de la Democracia. *in* *Perspectivas de la Comunicación*. Vol. 4, Nº 2, 2011. ISSN 0718-4867. Chile: Universidad de La Frontera, Temuco.
- Ouriques, E. V. (2012d). Psicopolítica e Emancipação Intercultural: a questão Galiza, Brasil e Lusofonia. *in* *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*. Academia Galega da Língua Portuguesa Vol. 05. Santiago de Compostela, Galiza. pp. 43-67
- Ouriques, E. V. (2011a). The Management of the Sustainable Mind for a new generation of psychosocial changemakers. *in* Windeløv-Lidzélius, Christer & Bauning, Kirstine Marie. *The KaosPilots 20/20*. The KaosPilots in cooperation with Turbine Scandinavian Publishing. Aarhus, Denmark. Aarhus C., Denmark.
- Ouriques, E. V. (2011b). Epistemologías Pré-hispánicas de América Latina y Cambio Psicosocial: el caso de los conceptos Derecho a la Comunicación y Desarrollo Mediático. *in* *Revista Folios*, Universidad de Antioquia, Medellín, Colômbia. nº 24, Abril.
- Ouriques, E. V. (2010). Sustentabilidade, Democracia e Sinceridade: Ideias Gemeas, no Útero da Mente Sustentável. *Revista Fórum de Direito Urbano e Ambiental-FDUA*, São Paulo, Ano 9, Nº 49. Janeiro-Fevereiro de 2010.
- Ouriques, E. V. (2009a). Gestão da Mente Sustentável, o Extended Bottom Line: o desenvolvimento socioambiental como questão da consciência e da comunicação. *in* GUEVARA, Arnaldo José de Hoyos, et al. (orgs.). *Consciência e desenvolvimento sustentável nas organizações*. Rio de Janeiro: Campus.
- Ouriques, E. V. (2009b). Comunicação, Palavra e

Políticas Públicas: a importância do conceito envolvimento para a construção da cidadania sustentável. Revista Z. Programa Avançado de Cultura Contemporânea- PACC. FCC.UFRJ. Junho de 2009. Ano V, Nº 2 <http://www.pacc.ufrj.br/z/ano5/2/ouriques.php>

Ouriques, E. V. (2008). Comunicação com o cidadão: qual o rumo a seguir?: o rumo é a mudança de atitude mental. *in* Banco do Brasil. O Futuro da Comunicação. XII Seminário de Comunicação do Banco do Brasil. Brasília. pp. 85-93. <http://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/12SeminarioComunicBB.pdf>

Ribeiro, E. (2014). La théorie pragmatique de l'action. Paris: L'Harmattan,.

Salam, R. (2015). The Upper Middle Class is ruining America. Slate, Jan, 30 2015. http://www.slate.com/articles/news_and_politics/politics/2015/01/the_upper_middle_class_is_ruining_all_that_is_great_about_america.single.html

Serpa, M. (2013). Eleições espetaculares: como Hugo Chávez conquistou a Venezuela. Contra Capa e Faperj.

Sodré, M. (2012). Comunicação: um campo em apuros teóricos. *in* Matrizes Ano 5, Nº 2 Jan./Jun. 2012. Universidade de São Paulo: São Paulo. pp. 11-27

Varoufakis, Y. (2015). The Euro-Summit 'Agreement' on Greece -annotated. July 15, 2015. <http://yanisvaroufakis.eu/2015/07/15/the-euro-summit-agreement-on-greece-annotated-by-yanis-varoufakis/>

Welzer, H. (2012). Infraestruturas mentais: como o crescimento se instalou no mundo e nas nossas almas. Berlim: Heinrich Boll Stiftung.

Wikipedia. Gro Harlem Brundtland. <http://is.gd/eBhYM3>

Zemelman, H. (s/d). Pensar teórico y pensar epistémico: los retos de las ciencias sociales latinoamericanas. México D.F: Instituto Pensamiento y Cultura.